UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA
DEPARTAMENTO DE DANÇA

VACA PROFANA ENQUANTO RELATO DE EXPERIÊNCIA: DESCOBERTAS DE UM CORPO EM CENA

TAINÁ IASMIN LIMA DE SOUZA

ARACAJU

2023

TAINÁ IASMIN LIMA DE SOUZA

VACA PROFANA ENQUANTO RELATO DE EXPERIÊNCIA: DESCOBERTAS DE UM CORPO EM CENA

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Dança.

Orientadora: Prof. Me. Thabata Marques Liparotti

ARACAJU
2023

TAINÁ IASMIN LIMA DE SOUZA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Dança.

Aprovado em: __/__/___

BANCA EXIMINADORA

_____
Prof.ª Me. Thabata Marques Liparotti (orientadora)

_____
Profª Me Ana Carolina Frinhani (examinadora)

_____
Reijane Souza Santos (examinadora)

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me abençoado durante essa caminhada e me abraçado nos momentos que eu mais precisei, renovando as minhas forças para eu continuar nessa jornada dentro do curso de dança.

Aos meus guias e ancestrais agradeço imensamente por ter me dado discernimento, sabedoria, luz e proteção durante esses sete anos de percurso. Agradeço mais ainda por terem me acolhido nessa reta final, no qual eu só sabia pedir sabedoria e inteligência, para poder concluir esse ciclo da minha vida, e cá estou eu, concluindo.

À minha mãe Valdice pelo carinho, apoio e paciência, gratidão por ter feita-se presente em todos os momentos da minha caminhada no curso, sentando sempre na primeira fileira de todas apresentações que estive dançando, vibrando com todas as minhas conquistas e sendo a minha fortaleza, o meu maior motivo de ter chegado até aqui, amo você.

À minha família que sempre que podia, faziam-se presente nas minhas apresentações, em especial a minha madrinha, mãe, amiga e confidente Neyla, que durante todo esse percurso sempre fazia questão de estar em todos os eventos dançantes, fazendo as melhores filmagens e comentários no final das apresentações que prestigiava. Obrigada por ter sido também uma das minhas fortalezes nesse fim de ciclo, por ter acreditado em mim, mesmo sabendo que nem eu mesma acreditava. Amo você e Maria até depois do fim.

Às minhas amigas, parceiras dos eventos dançantes e da vida: Gisele, Celia, Micaela, Fernanda, Daniele, que sempre estiveram presentes nas minhas apresentações, como também fazendo-se presente em vários momentos da minha vida, amo vocês.

À minha amiga Anny, que vem comigo desde o início da minha luta com esse trabalho, abrindo as portas da sua casa e da sua vida, literalmente. Obrigada amiga por ter segurado a minha mão em todos os momentos de desesperos, por ter sido mais que uma

amiga nessa reta final, por não ter desistido de mim e sempre ter tido a certeza que eu chegaria até aqui, te amo “tubarão”.

Às minhas amigas de curso e vida: Dani, Livia, Brenda, que estiveram sempre comigo, as vezes em períodos diferentes, mas sempre fazendo-se presente na minha trajetória. Agradeço também a Reijane que esteve comigo também nessa jornada, mas também por ter me ensinando muito sobre o que é amar a dança, e por ter sido uma das minhas inspirações dentro do departamento de dança. E as minhas vaquinhas Nara e Sephania que nessa reta final, com o mesmo o processo de escrita de TCC, fizeram-se presente, umas apoiando as outras, sem soltar a mão uma das outras.

À todas as “Vaquinhas” como nós chamamos, integrantes do Vaca Profana, minha gratidão por ter proporcionado as melhores trocas de conhecimento, de vivências e experiências da minha vida.

À minha parceira de escrita, surtos, choros e troca de afetos, que acabaram sendo necessários para tornar todo esse processo de finalização de curso mais leve, Catiele. Obrigada por todo incentivo, por ter me dado forças para ter continuado e por ter sido um anjo nesse momento da minha vida. Te amo amiga, e sempre estarei aqui por você.

Aos meus mestres que agregaram muito no meu pessoal e no profissional, durante esse percurso. Em especial a Carol que me presentou com a melhor experiência da minha vida, o Vaca Profana. Obrigada por ter sido professora, amiga e muita das vezes um apoio dentro do curso, por ter me aceitado como sua orientanda no segundo momento de escrita. Gratidão.

À professora, mestre, inspiração dentro do curso e nessa reta final como Orientadora, Thábata Liparotti a minha gratidão eterna. Obrigada por ter me acolhido no olho do furacão, por ter aceitado faltando duas semanas das defesas, me orientar na conclusão da minha escrita. Obrigada por ter sido mais que orientadora, por não ter desacreditado em mim e ter me dado a confiança que eu custei ter durante desse processo, por ter acreditado que era possível. Gratidão.

Em especial a mim, por ter não ter desistido diversas vezes do curso. Por ter persistido, mesmo não sabendo de onde tirar forças. Se cheguei até aqui, foi também graças a mim.

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido [à narrativa. Narramos] para transformar o que sabemos [sobre nós mesmas], não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa anima a [narrar] é a possibilidade de que este ato, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixar de ser o que somos para ser outra coisa, diferente do que vimos sendo.

(KOHAN; LARROSA, 2017, s/p)

RESUMO

O objetivo desse estudo é relatar a minha vivência e experiências pessoais dentro do espetáculo Vaca Profana, descrevendo o processo de criação, que tive no decorrer de um ano e meio na participação do mesmo. Os objetivos específicos são descrever sobre o grupo de dança e performance da UFS; narrar sobre o processo de criação do espetáculo Vaca Profana; refletir sobre meu percurso pessoal no Vaca, minhas descobertas, elaborações, enquanto artista pesquisadora e educadora em processo de formação. O campo de pesquisa se emergiu a partir do encontro do meu corpo com as memórias afetivas que foram surgindo através de diversos laboratórios de criação, trazendo minhas experiências pessoais vividas. Metodologicamente, as reflexões foram pautadas na descrição das vivências de campo desse corpo, emaranhados com o meu percurso acadêmico, justificando-se academicamente o impacto que o projeto teve enquanto diversos processos pessoais. Relatando assim todos os processos de experiências da estudante e interprete-criadora nas oito cenas, trazendo reflexões de sentimentos que reverberaram no percurso de ensaios e laboratórios criativos da mesma. O referencial teórico percorrido abrange os seguintes autores: Farias (2022) para referenciar a percepção do Vaca Profana enquanto outros olhares; Larrosa (2017) com a escrita que a experiência é tudo que nos acontece e transmiti diversas sensações para o nosso corpo, que em mãos certas pode se converter em canto ou dança. Ao final do processo de construção, execução e reflexão do espetáculo, pode-se observar ganhos e somas diante da comunidade, o ganho de conhecimentos desses assuntos relacionados a nós mulheres, a importância que um projeto de extensão tem dentro de uma comunidade acadêmica que fizeram presente como expectador, tendo três desses que ingressaram no grupo, fazendo parte das interpretes-criadoras. A importância do GDP para o corpo discente do curso, sobretudo para as licenciaturas, que na maioria das vezes que se tem uma maior vivência da prática da dança para além da sala de aula, agregando mais ainda o conhecimento dos discentes na teoria e prática com a dança, dando uma bagagem de ensino como educador. Sendo assim no meu processo pessoal, profissional, tendo um entendimento melhor de que nós mulheres permanecemos numa luta diária há cerca de anos, por defender os nossos direitos em todas as situações das nossas vidas, lutando contra o patriarcado, entendendo também os diversos abusos que passamos na nossa vida, muita das vezes sem ter o conhecimento que é um abuso, por não sermos criadas para ter esse entendimento. Por fim, nesses relatos e reflexões que permanecem reverberando em todos os âmbitos da minha vida.

Palavras-chave: Dança; Relato de Experiências; processo de criação; laboratórios criativos; estudantes e interpretes-criadoras; Espetáculo Vaca Profana.

ABSTRACT:

The aim of this study is to report my experience and personal experiences within the show Vaca Profana, describing the creation process, which I had during the two and a half years in its construction. The specific objectives are to describe about the UFS dance and performance group; narrate about the creation process of the show Vaca Profana; reflect on my personal journey at Vaca, my discoveries, elaborations, as an artist-researcher-educator in the process of formation. The research field emerged from the encounter of my body with the affective memories that emerged through various creation laboratories, bringing my personal experiences. Methodologically, the reflections were based on the description of the field experiences of this body, entangled with my academic path, academically justifying the impact that the project had as several personal processes. Thus, reporting all the processes of experiences of the student and interpreter-creator in the eight scenes, bringing reflections of feelings that reverberated in the course of rehearsals and creative laboratories of the same. The theoretical reference covered covers the following authors: Farias (2022) to reference the perception of Vaca Profana as other perspectives; Larrosa (2017) with the writing that experience is everything that happens to us and transmitted different sensations to our body, which in the right hands can become singing or dancing. At the end of the process of construction, execution and reflection of the show, it is possible to observe gains and sums before the community, the gain of knowledge of these subjects related to us women, the importance that an extension project has within an academic community that made this present as a spectator, with three of those who joined the group, being part of the interpreter-creators. The importance of GDP for the student body of the course, especially for undergraduates, who most of the time have a greater experience of dance practice beyond the classroom, adding even more knowledge of students in theory and practice with dance, providing teaching baggage as an educator. So in my personal, professional process, having a better understanding that we women have been in a daily struggle for about years, to defend our rights in all situations of our lives, fighting against patriarchy, also understanding the various abuses that we go through in our lives, many times without having the knowledge that it is an abuse, because we were not created to have this understanding. Finally, in these reports and self-reflections, which continue to reverberate in all areas of my life.

Keywords: Dance; Report of Experiences; creation process; creative labs; students and interpreters-creators; Vaca Profana Show.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1. 1º Reunião do Vaca Profana (2017) 17
Figura 2. Roda de conversa após laboratório (2017) 18
Figura 3. Bloquinho da Orla (2017) 19
Figura 4. Bloquinho Ocupa Praça (2017) 20
Figura 5. Evento Feira de Sergipe (2017) 21
Figura 6. Mulheres de Atenas Evento Feira de Sergipe (2017) 21
Figura 7. Vaca no Evento Ballace (2017) 22
Figura 8. Vaca no Ocupa Praça (2019) 22
Figura 9. Vaca na Jornada da Dança Bahia (2019) 23
Figura 10. Vaca como Espetáculo (2019) 23
Figura 11. Espetáculo Vaca Profana na cena Moiras (2018) 25
Figura 12. Espetáculo Vaca Profana na cena Moiras (2018) 26
Figura 13. Vaca no Ensaio Moiras (2017) 26
Figura 14. Vaca no ensaio Orgasmo (2018) 27
Figura 15. Na imagem: Tainá Lima; Tainar Souza; Elaine Oliveira. 28
Figura 16. Espetáculo Vaca Profana na cena Procissão (2018) 30
Figura 17. Espetáculo Vaca Profana na cena Mulheres de Atenas (2017) 31
Figura 18. Espetáculo Vaca Profana na cena Marcha (2018) 32
Figura 19. Vaca Profana na cena Marcha “Copo de Leite” (2018) 35
Figura 20. Espetáculo Vaca Profana na cena do Orgasmo (2018) 36
Figura 21. Espetáculo Vaca Profana na cena do Orgasmo (2018) 37
Figura 22. Espetáculo Vaca Profana na primeira cena da cozinha (2018) 38
Figura 23. Espetáculo Vaca Profana na cena da Cozinha Palhacinhas (2017) 39
Figura 24. Ensaio da cena cozinha (2018) 40
Figura 25. Espetáculo Vaca Profana na cena da cozinha (2017) 40
Figura 26. Espetáculo Vaca Profana na cena da Cozinha (2018) 42
Figura 27. Espetáculo Vaca Profana na Cena CupCake (2018) 43
Figura 28. Espetáculo Vaca profana na cena Milágrimas (2017) 45
Figura 29. Espetáculo Vaca Profana na cena do Milágrimas Manifesto (2018) 48
Figura 30. Espetáculo Vaca Profana nos Agradecimentos (2018) 49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO....10
2. GRUPO DE DANÇA E PERFORMANCE DA UFS....11
3. VACA PROFANA....14
4. O VACA PROFANA CENA POR CENA....24
4.1. Moiras....24
4.2. Procissão....29
4.3. Mulheres de Atenas....31
4.4. Marcha....32
4.5. Orgasmo....35
4.6. Cozinha....38
4.7. CupCake....42
4.8. MiLágrimas....45
5. O PÚBLICO....49
6. REFLEXÕES E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES....51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS....58

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal relatar a minha experiência dentro do espetáculo Vaca Profana. O espetáculo foi criado dentro do projeto de extensão intitulado Grupo de Dança e Performance (GDP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) do Departamento de Dança da referida instituição. A minha experiência neste processo ocorreu entre os anos 2017 e 2018 e posteriormente uma retomada breve em 2019.

Meu trabalho traz minhas experiências enquanto estudante do curso de licenciatura em Dança e dentro do projeto de extensão GDP. Neste estudo, trago relatos pessoais vividos durante os processos de criação do espetáculo Vaca Profana emaranhados com o meu percurso acadêmico. Relatando as experiências coletivas com as estudantes que eram também interpretes-criadoras [1] que faziam parte do grupo, com base nas minhas perspectivas, observações, vivências, reflexões durante todo este processo.

Enquanto objetivos específicos apresento aqui: Discorrer sobre o Grupo de Dança e Performance da UFS; narrar sobre o processo de criação do espetáculo Vaca Profana; Descrever as relações das participantes do Vaca durante o percurso de criação; refletir sobre meu percurso pessoal no Vaca, minhas descobertas, elaborações, enquanto artista pesquisadora educadora em processo de formação.

A leitura desse trabalho justifica-se por registrar academicamente os processos vividos dentro do espetáculo Vaca Profana, relatando como estudante o impacto que o projeto teve enquanto processos pessoais, sociais, trazendo temáticas femininas, me fazendo reconhecer o quanto essas temáticas são necessárias no âmbito universitário, levando ao público esse reconhecimento das diversas violências que nós mulheres sofremos no decorrer das nossas vidas, sendo elas afetivas, no ambiente de trabalho, em todos os setores da vida.

Justifica-se também por haverem poucos trabalhos acadêmicos que registraram essa criação do espetáculo. Assim, meu trabalho pode contribuir como acervo histórico, bem como inspiração para futuros trabalhos em Dança com temáticas semelhantes. É importante frisar que, por existirem poucos relatos sobre este processo, as referências bibliográficas citadas aqui abrangem mais as questões discutidas, como: a dança, a importância dos projetos de extensão no âmbito das universidades, a questão específica sobre a experiência a partir de entendimento filosófico e as questões feministas.

[1]Para este estudo compreende-se por intérprete-criadora as mulheres participantes dos processos criativos, que trouxeram acontecimentos vividos, histórias, situações e casos abusivos do dia a dia de cada uma para a criação e composição cênica e performática em dança no grupo do Vaca Profana.

O trabalho acadêmico que trata especificamente do Vaca Profana e que cito neste texto é a dissertação de mestrado de Ana Gabriela Machado de Farias intitulada “Danças de si: Sobre Ensaios, Vacas e Caracóis”. Dentro do curso de Licenciatura em Dança, apesar de termos 6 egressas que participaram do Vaca, nenhum Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), até o presente momento foi abordado a temática do espetáculo. Por isso há um ineditismo nesta escrita, o que reforça sua relevância, mas também torna mais escassa a citação e estudo de outras visões.

Quero acrescentar que neste período em que escrevo meu trabalho, minha amiga e também participante do Vaca Profana Catiele Gonçalves, também escreve seu TCC sobre o espetáculo. Por isso, apesar de atuarmos em temporalidades diferentes, pudemos durante a escrita compartilhar experiências e trocar informações o que nos fez refletir e desenvolver este trabalho. Novamente o trabalho em equipe fazendo-se presente no desenvolvimento da escrita, já que nós duas nos reunimos em diversos momentos para a construção do trabalho de ambas.

A metodologia desse trabalho é um relato de experiência, que caracteriza-se por um estudo descritivo. Trago a partir da minha pessoalidade a vivência dentro do Vaca Profana, fazendo correlação com as minhas experiências como estudante e interprete-criadora que se iniciou em dezembro de 2017 até abril de 2019. Abrangendo as vivências, aprendizados e experiências que foram adquiridos durante esse tempo. Observando os processos de criação meus e das outras componentes do grupo, relacionando e discutindo o que o Vaca foi para mim.

Por se tratar de um trabalho de relato de experiência, o mesmo tem a sua escrita na primeira pessoa, tendo momentos na escrita em primeira pessoa do plural, por se trabalhar em experiência coletiva, com base nas minhas perspectivas.

2. GRUPO DE DANÇA E PERFORMANCE DA UFS

O Espetáculo Vaca Profana foi concebido dentro de um projeto extensão chamado Grupo de Dança e Performance (GDP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) vinculado ao Curso de Licenciatura em Dança. O GDP iniciou no ano de 2013, inicialmente sob coordenação do Prof. Dr. Marcelo Moacyr, juntamente com os professores Me Thábata Liparotti, Dr Daniel

Moura e Dra Clécia Queiroz. Em 2016 assume a coordenação do grupo o Profº. Dr. Fernando Davidovitsch[2] e a Profª Me Ana Carolina Frinhani[3] como coordenadora adjunta.

O Grupo de Dança e Performance da UFS tinha como objetivo representar a universidade dentro e fora da instituição por meio da linguagem da Dança. Propunha-se ser um grupo de Dança institucional que participava de eventos, apresentando trabalhos artísticos em dança que eram criados a partir da investigação teórico-prática na área de Dança, aqui entendida como área específica de produção de conhecimento, compreendendo linguagens contemporâneas de dança, abarcando as africanas e culturas populares. Suas ações não se limitaram apenas à comunidade científica objetivando troca de informações com pesquisadores e alunos de graduação e pós-graduação, mas vão ao encontro de uma formação continuada de professores e alunos por meio de uma vivência de grupo com oficinas e cursos sistematizados a partir das necessidades dos seus participantes.

A extensão universitária é uma comunicação entre a comunidade acadêmica com a sociedade que tem como objetivo promover trocas de saberes científicos e espontâneos, de modo que ambos conhecimentos se completem sem haver uma hierarquia, buscando realizar mudanças positivas para a comunidade.

Sobre a extensão universitária a docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade Tuiuti do Paraná e da Universidade Estadual de Ponta Grossa Maria Antônia de Souza afirma que:

> A extensão é uma prática que revela a inserção social da comunidade universitária (ou parcela dela) em contextos culturais, econômicos, sociais e políticos. Embora tal contexto integre as relações sociais no interior da universidade, é fora dela que os processos pedagógicos críticos e as negociações políticas são construídos, mediante participação, diálogo e inquietações acerca da função social da universidade e da responsabilidade sociopolítica de cada profissional que dela sai (SOUZA, 2011. p. 11).

Posso afirmar que o GDP atuava principalmente dentro das mediações da Universidade Federal de Sergipe. Sua relação com a comunidade externa se dava por representar a instituição em diferentes eventos, nos quais eram levados trabalhos artísticos em Dança para serem apresentados.

---

[2] Fernando Davidovitsch é graduado em licenciatura e bacharelado em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestrado em Dança pela mesma instituição e doutor em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança, pela UFBA. Atua como professor no curso de licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS) desde 2014.

[3] Ana Carolina Frinhani é graduada em dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Dança pela mesma instituição. Atuou como professora substituta do Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe nos anos de 2016 a 2018 e depois entre 2018 a 2020. Atuou também no mesmo departamento como professora voluntária no período de 2020 a 2023. No ano de 2016 Carol, como costumamos chamá-la, foi diretora do Grupo de Dança e Performance da UFS (GDP-UFS), juntamente com o professor Fernando Davidovitsch, período no qual iniciou a criação do Grupo de Dança e Performance (GDP).

Apesar do grupo ser aberto para a comunidade, como informado quando perguntei para o professor coordenador Fernando Davidovitsch, inicialmente era formado apenas por discentes do próprio curso de Dança. Pouco a pouco quando o trabalho foi sendo conhecido pela comunidade interna e externa outras participantes foram demonstrando interesse em ingressar. Esse interesse surgia principalmente pela fruição artística, quando os espetáculos eram vistos e apreciados em diferentes contextos.

A extensão do ponto de vista do desenvolvimento cultural, tem um espaço muito significativo e de grande importância para a formação do aluno enquanto cidadão no que diz respeito à sua construção da sua subjetividade [4] que engloba o conhecimento e saber, levando em conta toda a sua experiência vivida dentro do curso. Um processo contínuo e enriquecedor que vai além dos muros da Universidade (SOUZA, 2011, p.20).

Segundo Adolfo Ignacio Calderón (2003, p. 28) cientista social com doutorado pela PUC/SP, destaca as sete dimensões de atividade universitária: **"**dimensão ética; dimensão formadora; dimensão acadêmica; dimensão didática- pedagógica; dimensão cooperadora; dimensão estratégica; dimensão acolhedora".

Ao meu ver a dimensão acolhedora expressa para mim o que foi realizado no projeto de extensão do GDP:

> [...]pela sua especificidade de suas ações e metodologias de trabalho, a extensão universitária possibilita espaços propícios para o acolhimento da diferença, a afetividade humana, a compreensão mútua, o trabalho cooperativo e a convivência pluralista e multicultural. O exercício da docência universitária se ressignifica, o professor assume seu verdadeiro status de educador. (CALDERÓN, 2003, p. 28).

Entendo que esse acolhimento se deu pelas trocas de vivências que possibilitou um aprendizado mútuo, sendo permeada sempre pela afetividade que se manifestava para além do grupo. Uma troca de saberes entre todos, sem hierarquias, cada um com o seu modo de ensinar, dançar, e até mesmo educar com os relatos que eram trocados em rodas de conversas. Para mim um exemplo vivo do processo de ensino-aprendizagem que tanto estudamos no curso de Licenciatura em Dança. O acolhimento se deu inicialmente para e nós discente do curso de Licenciatura em Dança, mas se estendeu também para todas que iam chegando, se aproximando e foram abraçadas para participar, sendo elas advindas de outros cursos da UFS ou da comunidade externa.

[4] Segundo Vygostky apud SOUZA et ANDRADA (2013, p.360) "a subjetividade é um processo que respalda as formas de organização que caracterizam os processos de significação e sentido do sujeito e do contexto social em que ele se desenvolve".

No contexto cultural e histórico, trouxemos temática da violência contra mulher que era o assunto mais comentado e debatido durante os processos de ensaios e criação, trazíamos para a roda algumas curiosidades sobre as lutas e conquistas que nós mulheres tivemos no decorrer do processo histórico e das nossas vidas. Como por exemplo, a conquista do poder de voto, nos dados no ano de 1932, que só foi possível após a organizações de movimentos feministas iniciadas nos Estados Unidos da América e na Europa no século XX. Essa e outras conquistas eram sempre conversadas entre o grupo, como também curiosidades e histórias de mulheres que foram personalidades fortes para a nossa sociedade, representantes do feminismo. Como Frida Kahlo, citada no espetáculo em uma das cenas do manifesto, mas também os nomes de outras personalidades femininas que lutaram para termos um pouco da liberdade que temos hoje.

Deste modo entendo que o GDP, como projeto de extensão da UFS, teve uma grande importância no âmbito político e social, porque levava para a comunidade acadêmica e para a comunidade externa, trabalhos artísticos em Dança. Para além de representar a UFS por meio desta linguagem artística, tocava em temáticas de extrema importância e reflexão na sua criação artística.

O Vaca Profana foi um desses trabalhos artísticos que foram para além da universidade, questionando o papel da mulher. Com certeza levando uma experiência de fruição artística, que era também crítica e questionadora em nossa sociedade.

Podemos verificar isso, pois logo nas primeiras apresentações do Vaca Profana para a comunidade, duas expectadoras que assistiram as apresentações se identificaram com o que foi apresentado. Sendo tocadas e mobilizadas. Por isso pediram para fazer parte do grupo, iniciando assim uma jornada dentro do GDP no espetáculo Vaca Profana, mesmo sem ter vínculo com a Universidade Federal de Sergipe.

3. VACA PROFANA

Vaca Profana é um espetáculo de dança concebido junto ao Projeto de Extensão Universitária: Grupo de Dança e Performance da Universidade Federal de Sergipe (GDP) vinculado ao curso de Licenciatura em Dança e que, posteriormente, se tornou um grupo independente. Com cerca de uma hora de duração, o espetáculo trata sobre questões referentes à diversos tipos de violências vivenciadas cotidianamente por mulheres nas instâncias domésticas, socioculturais e institucionais. A afluência de várias vivências compartilhadas pelas próprias estudantes interpretes-criadoras culmina numa poética de corpo que cria interfaces entre pesquisa, ensino e extensão em dança.

O espetáculo foi concebido e dirigido pela Profa. Me Ana Carolina Frinhani, que iniciou o processo de criação com o GDP em 2017 no início do ano com as cenas e fragmentos, durando cerca de um ano e meio para a construção do espetáculo como um todo. A estreia ocorreu no dia 14 de junho 2018 no centro de Cultura e Arte (CULTART) da UFS, em Aracaju/SE.

O espetáculo até o momento teve quatro temporadas, sendo elas: a primeira foi a temporada de estreia em 2018; a segunda ocorrida em abril de 2019, ainda vinculada diretamente à UFS; a terceira em dezembro de 2019, de forma independente, mas ainda com parceria com o Departamento de Dança da UFS; e a quarta em junho de 2021, de forma totalmente independente, tendo sido comtemplada com premiação da *Lei Aldir Blanc*.

Quanto a adesão do público foi contabilizada ao final da primeira temporada cerca de trezentos espectadores, o que superou as expectativas visto que o espaço era reduzido e comportava confortavelmente setenta pessoas. Foram três dias de apresentações e foram distribuídos antecipadamente trinta convites por dia e trinta ficaram disponíveis para retirada uma hora antes do espetáculo. Porém compareceram mais pessoas do que o esperado e os ajustes foram feitos para que todos pudessem assistir ao trabalho. Estima-se que ao final das quatro temporadas cerca de mil e seiscentas pessoas tenham assistido ao espetáculo na íntegra.

Se faz importe citar que no decorrer das quatro temporadas o elenco foi se alterando. Inicialmente foi composto apenas por alunas do citado curso de Dança e integrantes do GDP. Posteriormente, com novas alunas do curso ingressando e também com espectadoras do trabalho, incluindo público externo à universidade, que procuraram o grupo para se integrar. Até o momento podemos contar trinta e cinco mulheres ao todo que passaram pelo trabalho seja no processo de criação, apresentação de célula coreográfica e espetáculo na íntegra.

As primeiras integrantes nas quais eu tive contato logo de início, criando e dançando juntas, foram: Brenda Maia, Bianca Nascimento, Clayre Angelica, Carol Frinhani, Dillyane França, Elaine Oliveira, Jainara Batista, Jaciara Pereira, Lívia Dantas, Letícia Oliveira, Luara Taysa, Luana Pereira, Nívia Varges, Nívia Reis, Reijane Santos, Rívia Paixão, Sephânia Nascimento, Sara Sulovon, Sheila Karine e Tainar Souza.

Posteriormente ingressaram: Ana Gabriela Farias, Carol Jardim, Daniela Nunes, Rai do Sol (nome artístico), Rohana Fonseca e Sara Souza. E as que eu não tive contato nenhum, pois participaram após minha saída do elenco: Arianna Santos, Alexandra Castro, Catiele Gonçalves, Celina Maria, Paloma Melo, Talita Lima, Vanessa Carranza.

Além disso o espetáculo contou com uma equipe de técnica e colaboradores que contribuíram para que o espetáculo acontecesse. Entre eles: Wagner Mendonça, Bruno

Parissoto, Mamute Teixeira, Seu Mica, Carlos Lino, Joanderson Costa, Jussimara Dantas, Rívia Paixão, Tatiana Feitoza, Thayliana Leite, Tiago Alcãnezes, Lilian Borges, Rodrigo Silva, Jussara Castro, Tainar Souza, Octagilson Lima, Dennys Leão, Fabiano Oliveira e Stella Rocha.

O Vaca Profana foi um espetáculo colaborativo desde a sua concepção, do processo de criação à arrecadação de fundos para sua realização, envolvendo a universidade, a comunidade, espectadores, conhecidos, familiares e amigos que puderam contribuir com o trabalho.

Antes de se tornar um espetáculo, foi iniciado por pequenos fragmentos que iam surgindo no decorrer dos laboratórios criativos. Alguns destes fragmentos foram apresentados em eventos que o grupo GDP era convidado para apresentar-se.

O processo de criação continuou e com isso foi cada vez mais tornando-se um espetáculo completo, com composições coreográficas, uma dramaturgia, encadeamento de cenas, figurino, iluminação, o que o tornava, ao meu ver, cada vez mais grandioso e rico. No início da elaboração dessas células foram criadas: mulheres de atenas, cupcake e milagrimas, nesse início eu não tive o contato da criação, mas quando ele começou a ficar na formatação de espetáculo eu já estava inserida no grupo e nas criações que foram surgindo na sequência. Antes de tudo lembro-me que tivemos uma reunião, para falar sobre o que seria esse espetáculo, como seria idealizado, como seria todos os processos de criação e os demais que processos que poderiam surgir no decorrer do projeto sendo criado.

Figura 1. 1º Reunião do Vaca Profana (2017)

Fonte: acervo do Instagram do @vacaprofana_

Durante uma das reuniões a Carol Frinhani chegou com uns desenhos prontos, de como seria cada cena, de como as cenas iam se entrelaçando e fazendo conexão, tendo um seguimento de linha de raciocínio e história sendo contada. Ao ver aqueles desenhos ali na mesa, e ela explicando de como seria todo o processo, foi tomada por uma certeza dentro de mim que era ali o meu lugar, e que iria fazer parte de algo grandioso dentro do curso de Dança.

Inicialmente nós participantes que estávamos ali presentes não tínhamos noção do que o espetáculo Vaca Profana se tornaria. Com o passar do tempo através dos processos de criação, com o trabalho tomando forma, fomos entendendo o que estávamos fazendo, e o tamanho da sua importância perante a sociedade.

O espetáculo de dança Vaca Profana foi realizado a partir das experiências vividas de cada estudante interprete-criadora, e das vivências pessoais da própria professora Carol. Os relatos que eram contados em algumas rodas de conversas, as vezes nos identificávamos com um relato de vida de outra integrante. Com frequência sentávamos para falar sobre os relatos de experiências de determinados assuntos que faziam parte do contexto tema do espetáculo:

sobre as mulheres, narrando as relações entre machismo e feminismo e as questões políticas e sociais, pensando a forma como estas nos afetavam.

Figura 2. Roda de conversa após laboratório (2017)

Fonte: acervo do Instagram do @vacaprofana_

Esses relatos que eram contados por aquelas que tomavam coragem de falar estimulavam um processo de escuta e acolhimento dos relatos de uma das outras gerando uma cumplicidade e uma conexão que se tornava material e envolvimento na criação artística. Deste modo acabamos dando o nome roda de cura, pois era um espaço onde a gente sentia confiança em compartilhar essas vivências pessoais, sem ter vergonha ou medo de ser julgadas. Depois dessas trocas de relatos, sempre me sentia como se tivesse superado algum trauma que tinha passado no decorrer da minha vida. Na maioria das vezes pensava que já tinha superado, mas na verdade só tinha camuflado essas vivências doloridas, traumas, que dentro dos processos de criações vieram à tona.

A ligação que, nós meninas do grupo, tínhamos era de uma força que, muitas das vezes, chegava até a assustar, de tantas potencias que se faziam presentes ali naqueles ensaios ou até mesmo nos momentos dos laboratórios de criação, levando essa força e potência para além dos ensaios, pesquisas e vivências dentro do grupo, bem como para a cena.

Tivemos uma construção de projeto de trabalho que foi além da cena, do palco, onde tivemos experiências indo para rua pedir contribuições para ajudar nos custos do espetáculo. Muitas das vezes vestidas com uma parte do figurino para chamar atenção daqueles que passavam no semáforo, não só para arrecadar dinheiro, mas também para divulgar o espetáculo

que era aberto para o público, fomos vender bebidas em alguns eventos festivos da cidade de Aracaju/SE e até um bazar fizemos nas dependências da Universidade Federal (UFS) para custear o Espetáculo Vaca Profana.

Figura 3. Bloquinho da Orla (2017)

Fonte: acervo pessoal

Figura 4. Bloquinho Ocupa Praça (2017)

Fonte: acervo pessoal

Os eventos presenciais e online que fomos apresentar essas células foram eles: “V Mostra AtuArte UFS”; BALLACE: Festival Nacional de Dança; PANATHENAIA “ Evento do Curso de Direito”; Evento Feito de Mulher; Jornada de Dança da Bahia “ Sem Limites”; Evento Ensaio Secreto; Evento do Aniversário de 54 anos da Universidade Federal de Sergipe; Ocupe a Praça no Evento: Mulhere-se “Seminário Audiovisual Sergipe”; Evento Feira de Sergipe; Sarau do Coreto “ Projeto Sociocultural”; Projeto de Extensão Maria Marisqueiras; Caso DANIELLE; Aldeia Circo: Espetáculo Vaca Profana.

Figura 5. Evento Feira de Sergipe (2017)

Fonte: acervo do Instagram @vacaprofana_

Figura 6. Mulheres de Atenas Evento Feira de Sergipe (2017)

Fonte: acervo Instagram @vacaprofana_

Figura 7. Vaca no Evento Ballace (2017)

Fotografia: acervo pessoal

Figura 8. Vaca no Ocupa Praça (2019)

Fonte: acervo Instagram @vacaprofana_

Figura 9. Vaca na Jornada da Dança Bahia (2019)

Fonte: acervo do Instagram @vacaprofana_

Figura 10. Vaca como Espetáculo (2019)

Fonte: acervo do Instagram @vacaprofana_

4. O VACA PROFANA CENA POR CENA

O espetáculo Vaca Profana é inspirado nas histórias de nós mulheres em diversos assuntos e das nossas vivências durante a nossa vida, utilizando-se de lendas e histórias como das mulheres de Atenas da antiga Grécia e das Moiras trazendo essa relação da temporalidade e com o processo histórico que estrutura nossa sociedade, para a criação do processo artístico. Histórias essas de violências, abusos e sofrimentos, que se repetem até a atualidade: Mulheres fabricadas para servir, criadas para serem moças castas, de um homem só, um presente que pode ser descartado a qualquer momento. Como descreve Ana Gabriela Farias, mestre em psicologia e participante do Vaca:

> Mas quantas vidas há nas palavras acordar, banhar, bater ponto, trabalhar, comer, dormir. Cozinhar, lavar, arrumar, se arrumar, sorrir, trepar. Amamentar, ninar, cuidar, amar, proteger. Dispor o corpo para que o outro diga o que pode ser feito e o que não, numa violência socialmente autorizada. Ser a mulher do homem, a dona da casa, a mãe da família. Desejada e invejada por homens e mulheres (FARIAS, 2020.p. 14-15).

Uma cena que vai ligando uma à outra, formando uma narrativa de: nascimento - procissão - marcha das dores - mulheres castas - sentir o gozo - reprimir - fabricar - servir - carne comestível - libertação - manifesto – fim. Me dou conta que o foi apresentado é o que vivemos frequentemente em nossas vidas, e que muitas vezes não percebemos, por não sermos educadas para entender e reconhecer os sinais de abusos e violências.

O espetáculo é uma vivência de violências contra a mulher do início ao fim, onde por fim nós estudantes interpretes-criadoras conseguimos refletir, reconhecer as violências sofridas buscando a partir de então tomar a frente de nossas próprias vidas, posso dizer que sinto como um processo de libertação. Colocamos para fora o que vivemos, reconhecendo, que independentemente da situação que passamos nas nossas vidas, podemos ser livres, sem medos, sem culpas por desejarmos viver a nossa própria vida como bem entendermos.

Neste momento irei relatar cada uma das cenas do espetáculo, relatando o que foi sentido e vivido por mim em cada uma delas, enquanto observadora e estudante interprete-criadora. A forma que escolho aqui para contá-las, envolve a minha percepção do fazer meu e das demais participantes do processo, bem como as escolhas do que foi levado para a cena.

4.1. MOIRAS

Figura 11. Espetáculo Vaca Profana na cena Moiras (2018)

Na imagem: Daniela Nunes; Tainar Souza; Tainá Lima.
Fonte: Mamute Teixeira

No primeiro ato começamos com as Moiras. As Moiras na mitologia grega, eram um trio de irmãs que trabalhavam nos destinos, tantos dos Deuses quanto dos seres humanos. Elas eram responsáveis por fabricar, tecer e cortar aquilo que seria o fio da vida de todos os indivíduos. Trazendo essa história para a cena por meio de três estudantes interpretes-criadoras, que fizeram o papel das Moiras. Na primeira versão da célula atuei juntamente com Elaine Oliveira e Tainar Souza. Já na segunda versão para a segunda temporada do espetáculo, com Daniela Nunes e Tainar Souza, cada uma representava uma fase da vida. Fazer parte dessa cena foi de uma grande potência, porque éramos três estudantes de corpos diferentes, vivências internas e questionamentos diferentes, cada uma com a sua especificidade, mas com um único intuito, de fazer com que aquilo fosse sentido e vivido de uma maneira única, que cada um que estivesse ali prestigiando aquele momento do espetáculo, pudesse sentir logo de início o que estava por vir.

Cada parte do espetáculo era estudado, pesquisado, por todas que faziam parte, uma construção de conhecimentos que eram divididos nos encontros e ensaios. Tive o privilégio de ser a Moira que fabricava o fio da vida, fio esse que dava a vida a cada indivíduo que nascia na terra, segundo a mitologia grega.

Figura 12. Espetáculo Vaca Profana na cena Moiras (2018)

Na imagem: Daniela Nunes; Tainar Souza; Tainá Lima.
Fotografia: Mamute Teixeira

Os ensaios aconteciam a tarde, e cada uma que fazia parte da cena tinha a obrigação de ensaiar, de estudar e de pôr em prática, tudo que era realizado nos momentos de laboratórios, criando uma responsabilidade com o processo artístico, bem como com as participantes do grupo, que estavam ali para fazer com que o espetáculo acontecesse.

Figura 13. Vaca no Ensaio Moiras (2017)

Na imagem: Tainar Souza; Elaine Oliveira; Tainá Lima; Carol Frinhani.
Fonte: acervo pessoal

Figura 14. Vaca no ensaio Orgasmo (2018)

Na imagem: GDP
Fonte: acervo do grupo Vaca Profana

Agora imaginem doze mulheres dentro de uma sala de aula, com personalidades diferentes, humores, jeitos e gênios, estando praticamente todos os dias juntas, criando, estudando, ensaiando, trocando ideias, histórias, vivências, dores, cólicas, ciclos menstruais e afins. Muita coisa vivida em pouco mais de dois anos em que estive presente no grupo, uma coisa incrível, mas ao mesmo tempo desafiadora, cansativa, exaustiva. Por vezes não conseguíamos nem olhar uma para a outra, de tão cansadas que estávamos da intensidade desta troca. Compartilhávamos a rotina de ensaios, de aulas na universidade, refeições, momentos de lazer, de estudo, de descanso. Sinto que tecemos vínculos profundos que levamos para a vida, nos tornando uma família.

Retornando para as Moiras, o figurino foi também bastante desafiador, as vestimentas das Moiras eram uns véus com transparências e por baixo o corpo despido. Com isso, já começaríamos aí um ato provocativo e questionador por trazer para a cena corpos seminus, cada um com sua diversidade, de tamanhos, jeitos, cada um com as suas especificidades.

Figura 15. Na imagem: Tainá Lima; Tainar Souza; Elaine Oliveira.

Espetáculo Vaca Profana na cena Moiras (2017)
Fonte: acervo do grupo Vaca Profana

Quando Carol trouxe essa ideia para nós, de como queria que acontecesse e como seria importante a gente trazer para a cena essa parte da mitologia eu disse que sim, mesmo sabendo que eu precisaria enfrentar um processo de aceitação do meu corpo para estar seminua em cena. Seria a primeira vez que ficaria exposta uma parte do meu corpo, mesmo sendo uma nudez artística e tendo os véus que davam uma certa transparência, mas era uma situação desafiadora para mim. E assim, me entreguei, me permiti sentir todos os desconfortos e aprendi com o processo vivido naquele momento. Um desses aprendizados foi me amar do jeito que sou, independente da fase que o meu corpo esteja.

Cada processo que fui passando, era uma vivência de autoconhecimento, pertencimento e de cura. Cura de processos em que eu não me permitia ser eu, por vergonha, medo, receio perante a sociedade, que chegava muitas vezes a bloquear o meu lado artístico e criativo.

Com tudo isso, o mais interessante desse processo que passei estudando e ensaiando as Moiras, foi que eu fui percebendo que, quanto mais eu me aceitava com aquele corpo, com a ideia da nudez, mais o meu corpo entregava-se para os demais processos que estavam para surgir, nos demais ensaios e laboratórios de criação das cenas. O meu corpo começou a deixar-se levar pelos sentimentos, situações e trocas que fui tendo com as demais do grupo, fazendo-

me pensar o quanto eu estava permitindo-me viver tudo que estava sendo proposto, consequentemente curando traumas que me acompanhavam do passado, e que por conta disso me limitavam no momento dos ensaios e criação de algumas células para compor o espetáculo.

Eram essas mesmas limitações que eu tinha dentro da sala de aula, em algumas disciplinas do curso, principalmente quando eram disciplinas de criação, improvisação. Nas quais eu não conseguia me entregar aos estímulos do professor, por medo de errar, de fazer feio, de não entregar aquilo que estava sendo pedido, o bloqueio por não ter uma técnica, uma experiência com a Dança.

Acredito eu, que muitos que entram no curso de Dança, que não tem uma vivência, técnica e experiência, que estão ali por apenas sonhos e desejos de ingressar no mundo das artes, acabam desistindo por conta desses medos e bloqueios. Por isso reflito sobre a importância do professor ter um olhar empático e acolhedor. Trago para mim, esta reflexão ao pensar que na minha futura atuação como educadora posso trazer este exemplo para tentar propiciar um ambiente educacional dentro de sala de aula de forma humana, permeado de trocas e com a possibilidade de conversas e apoio da relação professor-aluno.

4.2. PROCISSÃO

Logo depois da cena das Moiras tem a cena da transição de um espaço para outro, conduzindo uma Procissão até dentro do teatro onde acontece o restante do espetáculo. Essa cena foi bastante comentada nas trocas que tive com alguns amigos, por que não entendiam o motivo das meninas vestidas de preto com uma maçã inteira na boca, trocando de lugares logo em seguida quando as Moiras iam passando.

Figura 16. Espetáculo Vaca Profana na cena Procissão (2018)

Na imagem: Jainara Batista.
Fonte: acervo Instagram @vacaprofana_

Na sua dissertação de mestrado Ana Gabriela Farias cita essa cena como a da Maçã,[5] fazendo uma referência a história de Adão e Eva, que por desobedecer às leis de Deus, comeram do fruto proibido, consequentemente sendo expulsos do reino dos céus e trazendo o pecado para a terra. Na escrita dela ela diz que:

> Quando ele provou do fruto, os dois foram expulsos do paraíso, conhecendo o bem e o mal do mundo e destituídos da imortalidade. Ela, foi para sempre marcada por esse acontecimento como uma chaga que amarrava a sua garganta e tapava a sua boca, além de ser condenada a parir filhos sentindo dores e a ter os seus desejos e vontades submetidos aos do homem (FARIAS, 2020, p.49).

Os diversos questionamentos que ouvíamos do público nos apontavam para um entendimento que de alguma forma o público estava sendo tocado, ficando intrigado ou mexido pela cena. Na procissão, que foi feita como uma transição de uma cena para outra, o público seguia as Moiras até chegar no teatro, passando por essas moças de preto com as maçãs na boca. Tornava-se uma intervenção, onde o expectador acabava fazendo parte da cena, chegando ao teatro e sentando para a fruição do restante do espetáculo

[5] A cena da Procissão como eu dou o nome a ela, ou a cena da Maçã como Farias cita na sua dissertação de mestrado, não tinha um nome fechado dessa célula. Cada uma tinha a sua percepção dessa cena, assim dando o nome que a mais sentia conectada com ela.

4.3. MULHERES DE ATENAS

Figura 17. Espetáculo Vaca Profana na cena Mulheres de Atenas (2017)

Na imagem: Bianca Nascimento; Reijane Santos; Nívia Varges como Mulheres de Atenas; Elaine Oliveira; Tainá Lima como Moiras ao fundo.
Fotografia: Mamute Teixeira

Dando sequência vem a cena das Mulheres Atenas, que novamente nos inspiramos da sociedade Grega, as quais eram mulheres criadas para servir seus maridos, mulheres submissas, postas a partir de uma sociedade machista. Mulheres Atenienses, como eram chamadas, mulheres que tinham que ser dóceis, usavam vestimentas que preservavam e cobriam de forma "segura e adequada" o corpo feminino, inseridas no contexto da família patriarcal, até na hora de escolher os seus próprios maridos, mulheres que não participavam das questões políticas por serem consideradas inaptas para esse tipo de tarefas.

Eram predestinadas ao casamento, no qual seriam submissas aos seus maridos, filhos, muitas vezes sendo escravas dos afazeres domésticos, bem como sexuais para procriar novos soldados para o país. Enquanto os seus maridos viajavam em missões, elas ficavam em casa sem poder sair, e quando saiam tinham que sempre estar sob a guarda de um homem e vestidas adequadamente, da cabeça aos pés, sem mostrar nenhuma parte do seu corpo.

A professora Carol trouxe para a célula de criação estudos e pesquisas sobre esse contexto, e assim fomos criando e compondo a terceira parte do espetáculo, interpretado novamente por três estudantes interpretes-criadoras, que deram vida na cena as mulheres atenienses. Para sublinhar a dramaturgia foi utilizado como figurino um collant super apertado, entrelaçadas em uma corda, com um cadeado preso dentro das pernas. Aqui o figurino não foi

criado buscando uma representação literal das mulheres de Atenas, mas sim tentando trazer elementos que fossem referência à submissão dos corpos.

No seu texto da dissertação Ana Gabriela Farias descreve essa cena:

> [...]sempre com olhares vidrados, atentos sem poder expressar nenhuma emoção, com a boca, olhos, ouvidos e vagina lacrada, com as costelas amarradas para transparecer as belas curvas das cinturas, através dos cintos de castidades. O corpo com movimentos delicados e sensuais, dos ângulos perfeitos dos braços e pernas, ao suave quebrar dos quadris, exaltando uma beleza de formas perfeitas, coxas, carnes, curvas, aos moldes do que se constituiu como ideal feminino (FARIAS, 2020, p.50).

O processo de criação dessa cena foi realizado através da professora Carol não tive o contato no ato da criação, mas quase todas as interpretes-criadoras do grupo fizeram parte dessa cena, em forma de rodízio, pois levamos esse fragmento do espetáculo para alguns eventos que o grupo era chamado para se apresentar. Além da estética corporal, movimentação e figurino, tínhamos fitas coladas na boca e nos ouvidos, remetendo o abuso de ficarmos surdas e mudas para a sociedade.

4.4. MARCHA

Figura 18. Espetáculo Vaca Profana na cena Marcha (2018)

Na imagem: GDP
Fonte: Mamute Teixeira

Dando continuidade ao processo de criação do espetáculo, entramos na cena da Marcha, onde fomos postas vestidas de mulheres castas, vestidos longos, fechados até o pescoço e

cabelos devidamente alinhados, bem penteados. O nome Marcha, eu particularmente, sempre achei forte, pois todos os movimentos que foram criados nessa cena durante os laboratórios criativos, remetiam às violências que nós mulheres já passamos ou ainda passam nessa vida.

> Na paixão, o sujeito apaixonado não possui o objeto amado, mas é possuído por ele. Por isso, o sujeito apaixonado não está em si próprio, na posse de si mesmo, no autodomínio, mas está fora de si, dominado pelo outro, cativado pelo alheio, alienado, alucinado (LARROSA, 2018, p.29).

Durante todo o processo dos ensaios da Marcha, buscamos transpassar de alguma maneira essas violências física e psíquica que nós mulheres passamos na grande maioria de todos os nossos relacionamentos afetivos ou familiares, sem perceber e por não deter o conhecimento que tudo isso que está vivendo é de uma certa forma violência, por estar entregue a um sentimento que lhe toma a vida, te alienando de uma forma que acaba fazendo com que viva a vida do outro e não a sua.

Em um artigo lido sobre a submissão da mulher, os alunos Carla Castro e André Castro do curso de Graduação em Direito da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), cita que:

> A mulher desde os primórdios da humanidade, foi considerada inferior ao homem e taxada como submissa a ele. O patriarcado, com a dominação masculina no seio da sociedade, fez com que a mulher permanecesse por séculos como simplesmente a dona de casa, competente para os afazeres domésticos e para a reprodução (CASTRO; CASTRO, 2016).

Me lembro que antes de começarmos a ensaiar, sempre tínhamos uma roda de conversa, para falar os assuntos referentes aos tipos de violências e submissões que nós estudantes-interpretes-criadoras já tínhamos passado na vida, também relatos de mulheres da nossa família, como as mulheres que conhecíamos. Nessas rodas trazíamos alguns temas sobre o patriarcado, a mulher como objeto de servir, dona de casa que precisava saber cozinhar, boas e férteis para a reprodução, trazendo essa inferioridade que sempre foi posta para nós mulheres desde os primórdios.

Durante a leitura da dissertação de Ana Gabriela para ter mais de um embasamento teórico para a escrita deste trabalho, acabei me deparando com um relato pessoal que discursei no grupo focal: parte da pesquisa de Ana, que tem como também um dos estudos o Espetáculo Vaca Profana, no qual ela fez parte como uma das bailarinas do grupo.

Vale salientar que esse grupo focal que a Ana Gabriela fez com algumas das componentes do grupo do Vaca para a sua pesquisa de dissertação, foi assinado um termo onde as vaquinhas que estavam ali trocando esses relatos de vida, permitiam essas falas ser expostas

no presente trabalho da mesma. E nesse relato eu trago uma experiência vivida durante a minha juventude toda de relação com a minha mãe, no qual eu desabafo dizendo:

> Minha mãe não deixa eu dormir fora de casa, meia noite tenho que tá em casa. Minha mãe é superprotetora. Pelo fato também de eu ser filha adotiva. Mas minha mãe é do tipo de mãe que eu vejo que, tipo, não tem palavras, sabe, é diferente de todas, ela. De todas mesmo. Porque, velho, eu não tenho minha mãe como amiga, eu não posso ter minha mãe como amiga. E isso é muito triste, porque eu vejo muitas das meninas têm a mãe como amiga, eu não tenho posso ter a minha como amiga. (Fragmento retirado da roda de conversa) (FARIAS, 2020, p. 54).

As diversas trocas eram tão sentidas por todas que estavam ali, que sempre era impossível não se emocionar com relatos que ambas trocavam nessa roda, eu costumava dizer que era uma roda de cura, porque depois dessas conversas, a gente dançava de uma forma que o corpo gritava e era nítido perceber o grito de alívio, de paz, de leveza que tínhamos ao decorrer dos laboratórios criativos. Cada ensaio era um momento de consciência do que tínhamos vivido ou estávamos vivendo, chegando a um momento de cura, assim eu me sentia em todos os momentos das rodas.

O mais inusitado era ter esse entendimento de como todo o processo que ali estávamos passando, era necessário para todas, cada uma com o seu processo individual. As pisadas firmes no tablado de madeira do teatro, as respirações fortes, o olhar vidrado no público, o abrir janela e fechar repetitivas vezes, a zoada do sino que se coloca na vaca para encontrá-las no pasto, sendo tocado para as meninas seguirem em filas e pegarem os seus copos de leite para serem tomados, logo em seguida sendo servido ao público pelas mesmas, para que eles também bebessem, um misto de movimentos, contando o que nós mulheres enfrentamos no nosso dia a dia, trazendo diversas críticas a sociedade machista. Na verdade, o espetáculo se da nisso, incomodar, criticar, gritar, manifestar tudo que sempre ficou calado por todas nós que estávamos ali encenando, prestigiando e mais ainda por todas aquelas que ainda se mantém caladas por medo da morte.

Figura 19. Vaca Profana na cena Marcha “Copo de Leite” (2018)

Na imagem: GDP
Fonte: Mamute Teixeira

4.5. ORGASMO

Sendo realizado do início ao fim com uma linha temática forte ao desrespeito a nós mulheres o espetáculo traz uma das cenas mais marcantes de todo o processo criativo, que foi a cena do Orgasmo, a cena do prazer feminino, das nossas vontades, desejos, dos vários desejos reprimidos que são predestinados a gente desde ao nascer, o não poder sentir mais que o homem, o não poder se dar prazer porque sempre foi e é o papel do homem nos dar prazer, primeiramente a gente dar a eles, para se der sorte depois sentir-se prazer.

Figura 20. Espetáculo Vaca Profana na cena do Orgasmo (2018)

Na imagem: GDP
Fotografia: Mamute Teixeira

Confesso que quando a Carol propôs essa cena para todas estudantes-interpretes-criadoras, eu fiquei com medo e receio, pós como era que eu ia trabalhar com o meu corpo esse processo criativo se eu não tinha noção se algum momento na minha vida já havia acontecido isso, se eu já tinha sentido prazer nas minhas relações ao ponto de gozar, e a vergonha em dizer que não sabia qual era a sensação do prazer e do gozo com quase vinte anos de idade, mesmo tendo passado por algumas experiências sexuais e até um relacionamento de quase seis anos, onde fui posta a todas violências que o espetáculo estava contando "narrando".

Confesso que estar aqui me expondo assim de uma maneira intima, crua, sincera é de muita coragem, coragem essa que o Vaca Profana me deu, um caminho sem volta. Com todos esses questionamentos internos meus, eu fui me abrindo e se permitindo sentir e viver aquilo tudo que a Carol propôs nos laboratórios criativos, uma mente aberta e um corpo limpo, pronto para aprender e entender tudo que fosse proposto para ele.

O interessante de toda vivência, era ver o tanto que eu estava me permitindo viver com todos os ensinamentos, trocas com as demais interpreste-criadoras, sem conhecimento do que poderia se torna dentro da minha vida pessoal e acadêmica. Um desbloqueio de todos os

sentimentos que uma mulher poderia ter: receios, vergonhas, memórias afetivas dolorosas, abusos sofridos na infância, sentimento de culpa, um livramento de todos esses sentimentos, pesos que me acompanhou a vida toda. E o mais louco era perceber o quanto o meu corpo permitia-se a sentir tudo que estava se passando na minha mente, nas minhas lembranças ao momento de criar, trazendo para o mesmo em forma de movimentos, fazendo conexão com os demais corpos que ali estavam presentes nos ensaios.

Figura 21. Espetáculo Vaca Profana na cena do Orgasmo (2018)

Na imagem: Tainá Lima; Livia Dantas; Jainara Batista.
Fonte: Mamute Teixeira

Como poderia fazer uma cena de orgasmo sem ter vivido um?

Era assim todos os questionamentos que iam se formando na minha cabeça, com cada ato que íamos criando, buscando sempre uma resposta para todos eles. Confesso também que foi uma das cenas mais gostosas de se fazer.

O desafio em encenar algo que eu não sabia se já tinha vivenciado na vida, foi confuso, mas sentia que todo esse processo agregaria no meu conhecimento como um corpo mulher cheia de tesões, mas que só entendia o satisfazer-se a partir do outro e não com o seu próprio corpo e desejos.

A diante interligando uma cena para outra, tem o momento onde saímos como pecadoras após o ato de permitir-se sentir prazer, reprimidas pela sociedade machista onde só os homens que podem nos dar prazer, com toda essa opressão a gente acaba sentindo-se culpada por permitir-se sentir aquilo, foi o que me aconteceu na grande parte da minha vida nas minhas relações afetivas.

Figura 22. Espetáculo Vaca Profana na primeira cena da cozinha (2018)

Na imagem: GDP
Fotografia: Mamute Teixeira

4.6. COZINHA

Fazendo a ligação de uma cena e outra, entramos na cena do reprimido, do abuso doméstico, da carne, a cena da cozinha. Essa cena ela foi tão necessária dentro do espetáculo que levamos ela para um dos maiores festivais de dança do Brasil, o Ballace em 2018, que é um festival de amostra de dança que acontece todos os anos, onde as diversas escolas de Dança do Brasil levam suas amostras artísticas para serem apresentadas e disputadas no festival, tendo até premiações para as melhores.

Olhar o tamanho da proporção que o Espetáculo estava se tornando, foi outro momento inesquecível, pois nunca na minha cabeça tinha passado essa possibilidade de viajar pelo curso de dança apresentando um fragmento do espetáculo no qual eu estava inserida, participar de um

evento desse grandioso com diversos bailarinos, tendo essa troca de vivências até com bailarinos profissionais que lá encontrava-se.

Através de um grupo de projeto de extensão que pude ter mais essa experiência dentro da minha vida pessoal e profissional. Sem recursos financeiros, patrocinadores, até sem recursos da UFS, que só conseguiu nos ofertar o transporte e a estadia se eu não me engano, porquê até a alimentação foi por nossa conta. Mas independente de todas essas circunstâncias, estar ali vivenciando todos aqueles processos de passagem de palco, aquecimentos, arrumação dentro de um camarim, a troca de experiências dentro do alojamento ao fazer uma comida, montar uma barraca, cuidar uma das outras mais que apenas colegas de grupo, foi de um aprendizado, que carrego até hoje em todos os setores da minha vida.

Na verdade, o Espetáculo Vaca Profana não teve patrocinadores, não teve ajuda de custos da UFS, foi tudo realizado no poder da luta e da ajuda daqueles que fizeram parte diretamente ou indiretamente, que agarraram o sonho de cada estudante e interprete-criadora que sonhavam com a idealização desse espetáculo, cada um ajudando do seu jeito, da sua maneira, fez com que o espetáculo acontecesse.

Figura 23. Espetáculo Vaca Profana na cena da Cozinha Palhacinhas (2017)

Na imagem: GDP
Fonte: acervo pessoal do Vaca

A cena da cozinha na minha opinião foi a mais cômica e forte do espetáculo todo, pois trazia vivências reais de muitas mulheres dona de casa, novamente mulheres sendo postas como empregadas, serviçais sexuais, desempregadas, onde o trabalho doméstico era o que elas sabiam

fazer, segundo a sociedade machista, mulheres postas como comida, que poderiam ser descartadas a qualquer momento.

O nosso figurino já representava isso, todas de tutu rosa, pós menina só pode usar rosa e meninos azul, trazendo novamente um questionamento para os expectadores que prestigiavam as apresentações, além do tutu rosa usávamos o nariz de palhaço e cabelos devidamente amarrados. A crítica sendo posta em todos os jeitos, sentidos e nos figurinos.

O processo de criação dessa cena foi a mais sofrida, sentida, dolorosa, histórica por todas as estudantes e interpretes-criadoras, pois trouxemos todos os tipos de violências que uma mulher poderia passar em uma cena só. O meu total orgulho e admiração por todas as interpretes- criadoras que fizeram parte dessa cena, mais em especial a aluna Jainara Batista, que em um dos fragmentos dentro da cena da cozinha, na cena da carne, fez um papel muito impactante e emocionante, entregando-se para a cena por inteira ao colocar o seu corpo nu, despido e de forma comestível, de uma maneira corajosa, sentida e de uma entrega linda, para todos que ali estavam prestigiando. Esse fragmento da cozinha só foi realizado apenas nas apresentações do espetáculo, pois trazia esse momento mais forte e impactante de todo o espetáculo.

Figura 24. Ensaio da cena cozinha (2018)

Fonte: acervo pessoal do Vaca Profana

Figura 25. Espetáculo Vaca Profana na cena da cozinha (2017)

Na imagem: Jainara Batista; Nívia Varges; Clayre Angelica.
Fonte: acervo pessoal do Vaca Profana

Nos laboratórios criativos e ensaios era impossível a gente não sair exaustas, impactadas, e muita das vezes com um nó na garganta, porque ali a gente não só estava dançando as nossas histórias, mas também a de várias outras mulheres.

A parte da carne que foi a cena mais forte do espetáculo enfatizo, ela foi criada e dançada em outro momento pela professora Carol, onde a mesma sentiu que era necessário trazer esse trabalho dela para dentro do Vaca Profana, e que fazia todo sentindo para a cena da cozinha.

Mas antes dessa cena, vem a minha parte favorita, a qual eu fiz um papel muito importante, que para mim foi a parte mais libertadora do espetáculo no modo pessoal, onde eu entro em êxtase com uma panela na cabeça e grito com todas as minhas forças, uma ação botando um ponto final em todas as angústias, sofrimentos, lembranças e cobranças que me perseguia durante a minha vida, um grito de chega, um grito de uma Tainá potente, forte, orgulhosa do que estava ali se tornando.

Confesso que dali em diante aquele grito ecoou por muito tempo dentro de mim, na verdade ainda permanece fazendo-se firme e forte na minha vida. Todos os ensaios eram sempre sensações diferentes, cada grito ecoava de um jeito diferente, mas tendo o mesmo sentido, o de libertação.

Figura 26. Espetáculo Vaca Profana na cena da Cozinha (2018)

Na imagem: Tainá Lima.
Fonte: Mamute Teixeira

A cena da cozinha posso dizer que quem assistiu de uma forma ou outra sentiu-se impactado. Imagina você ver uma menina despida encima de uma mesa, sendo comida por pessoas de forma brutal, sendo despedaçada e morta, descartando o corpo e deixando só o coração como a única coisa importante dela. Não foge da nossa realidade, do que escutamos, vemos nos jornais e redes sociais quase todos os dias, mulheres sendo mortas brutalmente por seus respetivos companheiros por diversos motivos e todos banais. Novamente trazendo a realidade da mulher na sociedade para a cena, para o palco.

4.7. CUPCAKE

Seguindo a cena da cozinha, temos a cena do CupCake[6], essa cena foi uma das primeiras criadas pelo grupo GDP, não participei do processo criativo, mas essa cena também vem com uma forte crítica social onde novamente nós mulheres somos expostas e postas como objetos sexuais, uma vitrine ou um cardápio onde você tem vários sabores de CupCake para ser escolhido.

[6] O cupcake é um bolinho simples que pode ser recheado e enfeitado como você quiser, geralmente são utilizados confeitos, frutas, cremes e coberturas especiais para deixar mais bonitos e gostosos, podendo ser comprados em padarias e docerias.

A música dessa cena se completa com os movimentos que foram criados para a célula coreográfica, uma música ofensiva, nojenta do início até o fim, desrespeitando de todas as formas nós mulheres. O mais engraçado é que hoje em dia oitenta porcento das músicas são sobre nós mulheres, e muitas delas são com duplo sentido, nos xingando, colocando-nos em um lugar sexual, de forma mais escrota possível. O figurino já remete tudo isso, pois dançamos apenas de colam, salto e com os CupCake na cabeça, dando ênfase ao nosso corpo, a sedução na hora da dança, o corpo desejado apenas.

Figura 27. Espetáculo Vaca Profana na Cena CupCake (2018)

Na imagem: GDP
Fonte: Mamute Teixeira

A dança toda é a gente se insinuando, seduzindo, como se tivesse dentro de uma vitrine para ser comprada. Nos ensaios a gente até que se divertia dançando, mas quando se dava conta da letra da música, eu particularmente ficava muito pensativa e mudava até de postura, porque começava a analisar e perceber que muitas das músicas que eram lançadas sempre tinha algum substantivo denegrindo a imagem da mulher, e mesmo assim a gente ainda se submete a dançar nos shows e festas, reproduzindo um processo histórico de subserviência ao patriarcado.

Diante disso depois de passar por esse processo dentro do Vaca Profana, comecei a me policiar mais sobre as danças e as músicas que escutava, trabalhando o meu ouvido e gosto musical para outros tipos de músicas que não violentassem a imagem de nós mulheres. Novamente o Vaca Profana me ensinando a olhar e me perceber como mulher nas relações

musicais e nas danças, para um contexto além disso interferindo no meu existir diário como mulher inserida num contexto de comunidade.

Com tudo achei de grande valia trazer um refrão dessa música para o texto, pois foi a partir dela e dos ensaios que pude entender que independente da música o quanto o ritmo dela é bom, a gente tem que prestar atenção na letra e pensar que de maneira a música refere-se a nós mulheres. A música é "Vai Mamando" do Mc Kitinho (2016):

> "Vai sua piranha safada putinha cachorra
> Na teta ela gosta ela pede que xinga filha da puta
> Fiz essa aqui a pedido então
> Peço desculpas a todas mulheres mais não sou machista
> Mais tem uma que gosta porra fazer o que
> Então vai mamando, vai mamando
> Enquanto você vai mamando
> E me olhando eu vou te xingando
> Cachorra, vai mamando piranha vai mamando safada
> Enquanto você vai mamando eu vou te xingando
> Vai porra"

O Espetáculo Vaca Profana, como eu havia comentado mais em cima, se inicia com uma mitologia, passa por uma transição de espaço seguindo para o teatro, onde acontece o restante do espetáculo. Todas as cenas fazendo interligação com o tema abordado, trazendo de início até o fim críticas, revoltas, desabafos, violências, dores, sofrimentos, histórias, gritos, que por fim tem um espaço de respiro, de alegria, de sentir-se, de cuidado, de amor próprio, autoconfiança, de sentir-se bem em ser mulher, orgulhar-se de toda trajetória e sentir-se segura com um poder de liberdade.

4.8. MILÁGRIMAS

Figura 28. Espetáculo Vaca profana na cena Milágrimas (2017)

Na imagem: Vacas
Fonte: Mamute Teixeira

A cena do MiLágrimas, é a última cena do espetáculo onde dançamos toda essa liberdade, trazendo para a cena corpos relaxados que o espetáculo todo estava tensos, rígidos, armados, feridos. MiLágrimas como foi dada o nome, ela vem ainda com uma parte de um manifesto, onde gritamos nomes de várias mulheres importantes que já fizeram e fazem parte da nossa sociedade, mulheres essas que lutaram para serem reconhecidas e manterem o nosso devido valor na sociedade, nos dando muitas oportunidades, inclusive de sermos quem quisermos ser, sem ter medo das consequências.

O MiLágrimas foi uma cena criada pelas estudantes e interpretes-criadoras que já faziam parte do grupo GDP no ano de 2016, quando o grupo foi criado dentro do projeto de extensão.

Diante disso, não tive o contato de criação dessa cena, mas sempre que tinha um fragmento que já tinha sido criado por Carol ou pelo grupo mais antigo, ela sempre nos reunia e contava como tinha sido o processo da criação. Em um dos momentos da cena a gente trouxe falas como um momento de protesto, falas essas que a gente sempre ouve perante a sociedade machista, os abusos e violências verbais que cada estudante-interprete-criadoras já tinha passado ou que ainda passava.

No ato da criação os movimentos contavam a nossa história, transformando-os em Dança, como afirma Ana Gabriela Farias:

> Um espetáculo que trata de corpos feitos sob a insígnia da categoria "mulher"; de corpos operados culturalmente (BENTO, 2006), fabricados por meio de violação no sentido mais vil, dos estereótipos, tarjas, rotulações, modelagens, clausuras, amarras, mortificações de um corpo a todo tempo devorado, um mal-estar, angústia e indigestão é o mínimo esperado ao assisti-lo (FARIAS, 2020, p. 43).

Movimentos expressivos, compassados, sentidos, como se tivesse sido treinado por muito tempo, começando por movimentos densos, pesados, doloridos, muita das vezes carregados de lágrimas pelas estudantes-interpretes-criadoras, que determinados momentos faziam uma transição para movimentos leves, alegres, que podia ser sentido por qualquer um que estivesse ali vendo, prestigiando os ensaios, ou até mesmo no dia que acontecia o espetáculo

> As palavras produzem sentido, criam realidades, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco (LARROSA, 2018, p.16).

Seguindo o pensamento de Larrosa, muita das vezes costumamos dizer que algumas palavras doem mais que muita surra, e isso é interessante porque a depender do que foi dito a gente consegue transpassar essa dor da palavra dita em forma de movimento. Eu não entendia como era possível uma lembrança do passado vir à tona quando se fazia algum movimento que remetesse a algo que se passou no passado, ou até mesmo uma música que consegue resgatar memórias esquecidas no subconsciente e trazer para o presente em forma de lembrança, sendo ela boa ou ruim.

> A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto (LARROSA, 2018, p. 10).

A experiência é um misto de sentimentos, acontecimentos, pensamentos, que em mãos certas se tornam uma preciosidade, foi o que aconteceu nos laboratórios criativos de algumas das cenas e nos ensaios, era algo que mesmo sendo coletivo, só cada estudante interprete-criadora poderia dizer como aquele determinado movimento a tocava, o que sentia ao experimentar aqueles movimentos individuais, sendo elas conduzidas por falas ou por apenas músicas. Consequentemente passando por uma mesma experiência, mas não posso aqui afirmar se de fato isso aconteceu, tenho como relatar o que sentimos, vivenciamos individualmente nos levou de uma certa forma dançarmos todas essas trocas de sentimentos de uma mesma forma corporal.

No Vaca no ato de criar ou até mesmo nos ensaios a gente sempre trocava ideias, relatos do que aquela música passava para gente, qual a mensagem que a gente recebia ao prestar

atenção na letra, o que sentíamos ao dançar aquela música, o que sentíamos ao fazer aquele movimento, se nos confrontava, se nos despertava algum sentimento, entre outros. Todas essas trocas em determinados momentos após os laboratórios criativos.

Diante desse meu pensamento, Jorge Larrosa descreve que “Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. ” (LARROSA,2018, p. 32).

O mais interessante que eu conseguia observar era que, muitas das vezes, a gente chegava numa mesma conclusão, todas estudantes e interpretes-criadoras, mas no momento de dançar cada uma tinha sua especificidade e sentido ao dançar aquilo que foi discutido.

Algumas tinham mais facilidade ao passar aquele movimento, mas tinha outras que eu observava uma certa tensão ao fazer aqueles movimentos, que as vezes tornava mais complexo o momento de criação de algumas partes do espetáculo.

Saber, entender, ter experiência de algo ou de algum assunto dito, é preciso ter uma vivência, uma experiência vivida no corpo, com teoria ou sem teoria, tendo a experiência como algo que nos passa, o que acontece ao passa-la e consequentemente nos toca, facilitando todo o processo de absorção dos movimentos, deixando mais fluidos e leves ao dançar-se (LARROSA, 2018, p. 18).

Na dança a prática é de grande valia, do que adianta estudar, ler, ter embasamento teórico se não tem a experiência no corpo, se não foi passado em prática para aquele corpo.

Para mim o jeito mais fácil de se aprender, entender e estudar, é se colocando em prática tudo que foi visto, lido. Sendo teoricamente ou processual, mas tendo ali a prática do sujeito naquele determinado estudo ou em alguma experiência.

Assim eram todos os processos de criação ou de passagem de passos já criados, sempre sendo reunidos através das nossas vivências que ali faziam presente e com as demais que já vinham durante o processo.

Os laboratórios criativos sempre levavam cerca de duas horas e meia sobre orientação da Carol, algumas vezes sendo conduzidas pelas falas da mesma, mas muita das vezes sendo criado pelos sentimentos que ali sentíamos, toques pelo contato da improvisação uma com as outras, os cheiros uma das outras que remetiam lembranças de certos momentos das nossas vidas.

Os momentos de rodas de conversas quando aconteciam, sempre eram nos horários de ensaios ou nos laboratórios de criação, sendo elas no início ou nos finais das vivências, sempre

sendo conduzidas por Carol, na qual a mesma trazia essa prática para nos provocar um certo desconforto, para que a gente pudesse entrar na imersão do que era cada cena.

Figura 29. Espetáculo Vaca Profana na cena do Milágrimas Manifesto (2018)

Na imagem: Nivia Varges; Tainá Lima; Sara Souza.
Fonte: Mamute Teixeira

Figura 30. Espetáculo Vaca Profana nos Agradecimentos (2018)

Na imagem: Vacas
Fonte: Mamute Teixeira

5. O PÚBLICO

Trago aqui, uma visão sobre o público que assistiu o Vaca Profana durante todo este percurso narrado neste trabalho. Parto das rodas de conversa aberta ao final de cada apresentação, dos comentários que recebíamos, como agradecimentos por ter vivenciado o trabalho, perguntas de como tinha surgido a ideia de criação do espetáculo , se a cena da maçã era referindo-se a ceia de natal, no qual colocamos uma maçã na boca do porco morto para ser servido como alimento, diversos questionamentos a partir do público que sempre era dito por mulheres que muitas das vezes se via naquelas cenas, parentes ou alguém conhecido, sempre com um olhar mareado de lágrimas e agradecendo por estar ali presenciando um espetáculo de grande importância para a sociedade, ditos por elas, bem como da minha observação sobre as reações como expressões faciais, murmúrios, olhares expressivos, impaciência, corpos tencionados se movimentando na cadeira no decorrer do espetáculo, observações essas que eu conseguia acompanhar durante a apresentação do Vaca, mesmo eu estando em cena.

Por consequência o impacto sobre o que era visto durante as cenas, tínhamos pouco retorno no fim das apresentações de comentários pessoais de cada indivíduo que estavam ali.

Pude perceber que o Espetáculo Vaca Profana trouxe para o público uma experiência de reflexão, que nem sempre tinha um retorno de imediato. A apresentação reverberava dentro de cada pessoa de forma singular, pois impacto gerado em suas vidas acontecia em momentos distintos da peça para cada expectador.

As estudantes e interpretes-criadoras conseguiam perceber o olhar atento da plateia, mas ao mesmo tempo assustador da imersão que o público na maioria das vezes encontrava-se, como sempre comentávamos quando saiamos de cena.

A cada apresentação do Espetáculo ou dos fragmentos que eram dançados nos eventos era possível perceber de algumas pessoas, na grande maioria mulheres vários sentimentos, emoções apresentadas pelo corpo e sobretudo pelos olhos que expressavam primeiro identificação com a arte, de encontro, reflexão, tristeza, um misto de emoções por se identificar com as cenas, no mais puro significado da frase “a vida imitando a arte”.

Com o decorrer das apresentações as emoções do público foram sendo somadas a cada nova sessão, incorporando novas experiências as estudantes e interpretes-criadoras, ressignificando a peça todo momento.

A primeira temporada tivemos um público no total de 300 pessoas contabilizadas nos 3 dias de Espetáculo, pessoas essas que apesar das suas conclusões singulares, haviam de certa forma um pensamento em conjunto.

No primeiro momento pude perceber alguns olhares de estranhamento, pudor no início do espetáculo por conta da nudez da primeira cena das Moiras, os sussurros eram entoados com um tom de desaprovação de alguns, mas de outra admiração, por começar um espetáculo com tanto impacto, mesmo estando em cena naquele momento era explicito esses olhares e algumas falas ao redor do espaço onde estava acontecendo a cena.

Lendo a Dissertação da Ana Gabriela Machado de Farias que transpassa pelo Vaca Profana, onde a mesma fez parte do elenco da segunda e diante temporadas, mas antes como expectadora que foi o seu primeiro contato com o espetáculo, trouxe na sua escrita uma parte referindo-se ao espetáculo: Um espetáculo que narra em dança dores de corpos forjados como corpos de mulheres que narrando-se assim parecem desfazer-se de signos de submissão. Trazendo consigo o mesmo pensamento e sentimento de alguns expectadores e das próprias estudantes-interpretes-criadoras (FARIAS, 2020, p.22).

No decorrer das apresentações sempre era aberto no final do espetáculo um espaço para que as pessoas que ali estavam pudessem perguntar algo sobre as cenas, tirassem as suas dúvidas ou até mesmo fazer elogios que era o que a grande maioria sentia confortável de fazer.

Por sempre terminar as apresentações com as estudantes-interpretes-criadora emocionadas, o público também não conseguia conter a emoção e acabavam no mesmo embalo dos sentimentos ali presentes.

6. REFLEXÕES E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O projeto de extensão GDP Grupo de Performance da Universidade Federal de Sergipe complementou o meu aprendizado dentro do curso, pois foi com ele que eu consegui pôr em prática os ensinamentos que foram me passado durante o decorrer do curso nas disciplinas. Posso dizer que foi um complemento, pois foi bastante necessário, potencializou os aprendizados que foram passados dentro da sala de aula, podendo pôr em prática todas as teorias do ensino da dança.

Os laboratórios criativos a gente trouxe para o corpo algumas disciplinas que já tínhamos estudado, como improvisação, composição coreográfica, além do estudo e conhecimento de outros assuntos como os nomes de grandes mulheres que citamos na hora do manifesto uma das partes do espetáculo, também trazemos mitologia grega das moiras, então tudo isso além do conhecimento que já tínhamos por conta do curso, a gente aprendeu outros determinados assuntos através das pesquisas feitas para compor mais ainda o nosso espetáculo, deixando o mais rico de histórias e assuntos da sociedade.

O vaca profana eu costumo dizer que foi um divisor de águas na minha vida, onde antes do vaca eu me via, me reconhecia e me sentia uma outra pessoa, e depois de passar por vários processos dentro do vaca, vivências, laboratórios criativos, eu pude me enxergar como uma outra mulher, uma mulher mais forte, determinada, corajosa, uma mulher que se fosse jogada em qualquer situação da vida que já tinha passado, saberia resolver totalmente diferente as vivências dolorosas, sentidas que já tinha se vivido, sabendo finaliza-las, sem ter medo das consequências que poderia acontecer.

> Há algo no que fazemos e no que nos acontece, tanto nas artes como na educação, que não sabemos muito bem o que é, mas que é algo sobre o que temos vontade de pensar, e de continuar pensando, e algo a partir do que temos vontade de cantar, e de continuar cantando, porque justamente isso é o que faz com que a educação seja educação, com que arte seja arte e, certamente, com que a vida esteja viva, ou seja, aberta a sua própria abertura (LARROSA, 2018, p. 10).

Os processos do Vaca Profana eram esses “algo” que iam acontecendo no decorrer dos ensaios, que eu na maioria do tempo não sabia explicar o que estava se passando ou sentido, mas que fazia sentido de sentir, era algo que eu não queria parar de dançar, sentir, criar, era

como se fosse algo de cura, de um longo processo de vivência de algum momento da vida que estava sendo revivido, mas com outro sentindo e sentimento.

> [...]fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, por tanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências. De um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1987, p. 143).

A experiência diante do sujeito que somos nós, consegue ser alcançado, tombado, derrubado, um sujeito que permite-se perder os seus poderes para sentir de fato o que essas experiências conseguem lhe alcançar. Na maioria das vezes um sujeito sofredor, mas podendo ser transformado por essas experiências, dando-lhe entendimento da potência dessas transformações enquanto um corpo sem experiência.

Diante disso costumo dizer que existiu no curso de Dança duas Tainás, uma Tainá antes do Vaca Profana sem ter passado por essas experiências vividas dentro do espetáculo, mas ter vivido outras experiências distintas dentro do curso de dança e a Tainá depois do vaca, colocando em prática tudo que foi ensinado no decorrer do curso, juntamente com as vivências pessoais, dentro dos ensaios, e nas trocas nos laboratório criativos.

Eu costumava me questionar como poderia um simples processo de dança, mexer tanto comigo, ainda mais com os meus processos de autoconhecimentos que na minha cabeça já tinha se formado, no decorrer da minha vida.

Ao adentrar nesse projeto fui me desconstruindo de uma maneira que em alguns momentos me dava medo, outros momentos me davam vontade de desistir, por medo do que eu fosse continuar sentindo e pela transformação que poderia tornar na minha vida. Talvez hoje se eu não tivesse me submetido a viver tudo isso, e ter entregando-se de corpo e alma, não estaria hoje aqui escrevendo com tanto orgulho, e coragem esse relato de experiência da minha vida dentro do Vaca Profana.

Como havia dito eu sinto que tiveram duas "Tainás" dentro do curso de dança, não só sinto como todos aqueles que presenciaram do meu processo dentro do curso, sendo professores ou amigos de curso, sempre me diziam também, que a Tainá que entrou no curso no ano de 2015 já não se via mas, mas sim a nova potência Tainá que estava se descobrindo ao decorrer do curso, passando por vários processos pessoais, autoconhecimento na sociedade e na sua vida pessoal, mas sem desistir de viver esses processos todos, de descobrimento como mulher, mulher indígena, filha adotiva, cotista, um corpo cru no mundo da dança, sem nenhuma prática

com técnicas, grandes estudos na área na dança, mas somente com a vontade de vivenciar e se entregar nesse curso, e foi isso que foi feito.

Diante disso não me arrependo de nada do que abdiquei, briguei, lutei para permanecer firme e não desistir no decorrer do caminho, que não foi fácil.

Durante vários momentos de desconstruções, de trocas, de vivências dentro das salas de ensaios, de laboratórios, as diversidades de corpos ali presentes, as histórias trocadas, os abraços entrelaçados em lágrimas, tudo aquilo foi se tornando numa potência tão grande, tão significativa na minha vida e das meninas que chegou a um momento que eu olhava e dizia para professora Carol que não deixasse aquilo se acabar, que não desistisse de nós e do espetáculo, porque ela não tinha noção do quanto estava fazendo bem a todas a nós, e para mim especificamente estava me salvando de um abismo que eu tinha conhecimento que já tinha superado e saído, mas quando foi posto através das construções memoriais afetivas nos laboratórios os processos criativos, trazendo para o corpo memórias passadas, que tinham me colocado nesse lugar de abismo eu pude perceber que nada daquilo que eu me via, que sentia como superação de fato tinha acontecido, mas sim apenas camuflados com outros momentos vivenciados no decorrer da vida.

Nesse e em alguns outros momentos me senti desafiada, com medo, de me expor a aquele sentimento e não saber como lidar com tudo que estava sentindo, mas ai novamente entra o acolhimento, a conversa, as trocas, as lágrimas enxugadas por todas aquelas que ali dentro dos laboratórios estavam imersas, deixando-se a se entregar a aquelas dores pessoais, de cada uma que estava ali expondo, dando acolhimento, se identificando com algumas respetivas histórias e cada vez mais se entendendo e vendo como a grande potência de mulheres que estavam ali se conhecendo, se curando e se percebendo como mulheres poderosas que ali se encontravam dentro de uma sociedade machista, desleal, inferior, de impotência, sem poder de falas, como sempre foi nos colado nesse lugar, a professora Carol não tinha noção dos "monstrinhos" de mulheres empoderadas que ali estavam tornando-se.

Com tudo isso, eu digo que tiveram duas personalidades minhas dentro do curso, e digo com toda convicção que essa nova personalidade que foi nascida depois do Vaca Profana, depois de todos os processos vividos dentro do curso de Dança, ela se encontra hoje escrevendo alguns dos seus processos pessoais, e revivendo tudo que foi sentindo no decorrer do curso de uma forma tão leve e significativa, de uma forma libertadora.

O grupo GDP como fazia parte no início de um projeto de extensão das UFS, tinha que passar por um processo de audição para poder ingressar no mesmo, audições que acontecia todo ano para poder compor o quadro de bailarinos do grupo.

Na primeira audição logo após que entrei, eu me escrevi para participar, pois queria fazer parte de algum projeto que me ajudasse e agregasse na minha carreira que estaria trilhando dentro do curso, além de achar um máximo fazer parte de algo que iria me trazer disciplinas, ensaios, alongamentos, conhecimentos dentro do ensino.

Confesso que no primeiro momento foi frustrante, pois ver vários alunos ali dentro da sala de aula para audição, com suas técnicas, anos de dança, alguns já atuando dentro da área de bailarino, professores, foi bastante desafiador, mas mesmo assim não desistir e seguir a audição até o fim, mesmo sabendo que a minha probabilidade de passar era a mínima possível.

Mesmo assim segui firme e não passei, até aí tudo bem, pois tinha outros projetos que eu poderia tentar entrar e que seria um pouco mais fácil por não precisar ter tanta técnica e sim mais disposição mesmo em querer fazer parte de algo.

Durante os processos de estudo no decorrer do curso, conseguir entrar no Projeto de Extensão Aldeia Mangue em 2015 no segundo semestre, onde fiquei por uma boa parte do meu curso fazendo parte desse projeto, que era Coordenado e direcionado pela Profª Dr Bianca Bazzo Rodrigues, uma das minhas fontes de inspirações dentro do curso de dança, e lá fui me redescobrindo nesse lugar de mulher indígena, buscando ter conhecimento dos meus ancestrais e resgatar um pouco sobre a minha história, quem era a Tainá que se fazia presente dentro daquele curso e na vida.

Com tudo isso comecei a fazer várias perguntas, questionamentos, onde pretendia chegar com todas as vivências trocadas, pesquisas e estudos feitos através de várias buscas de autoconhecimento, autobiografia, origens, resgates das memórias ancestrais.

Assim comecei a me perceber e entender como mulher, como estudante- interprete-criadora, como um corpo dançante, sem técnicas, grandes estudos, mas com uma disposição e pertencimento do que queria para a minha vida depois dali.

Por permanecer dentro de um projeto, por vivenciar vários laboratórios, viagens a campos e por fazer parte de algo que me sentia acolhida, comecei a me sentir de fato uma estudante de dança pertencente ao curso.

Até que então em um dia de aula normal, na nossa antiga Locação Studio Dance que era onde acontecia as aulas práticas e teóricas, eu fui convidada pela professora Carol juntamente com outras meninas que não faziam parte do GDP para agregar o corpo bailarino

do grupo, e fazer parte do início do projeto que estava se encaminhando para se torna o Vaca Profana.

Ao receber o convite eu não sabia se chorava, se pulava de alegria ou se agradecida a professora Carol por fazer-me parte de um Projeto e eventual possível espetáculo que não passava naquela época na minha cabeça que mudaria a minha vida. Por isso que quando eu digo que o Vaca Profana foi o divisor de aguas na minha vida, porquê de fato ele foi libertador, para mim e tenho certeza que para todas as amigas bailarinas interpretes criadoras que fizeram parte desse espetáculo.

Diante disso entrando em algo desafiador, sem técnicas, sem experiências, só com um pequeno conhecimento que fui adquirindo no Projeto de Extensão do Aldeia Mangue, e o corpo disposto a vivenciar e dançar novamente tudo que fosse ensinado. Confesso que de primeira me via como uma copiadora de passos, na verdade eu era péssima em criar, em improvisar, nossa em muitas coisas era péssima, mas sabia que queria fazer parte e que estava disposta ao dar o meu melhor em tudo que fosse me proposto a fazer.

Durante os processos de criação, tivemos em um determinado dia, uma tarde de laboratório, onde se fez presente apenas 5 estudantes-interpretes-criadoras, contando comigo e professora Carol propôs a gente criar uma célula coreográfica em cima de uma música que tinha tudo com o tema, assunto que queríamos trazer para o espetáculo, e quando ela tocou a música, que fechou a porta da sala e mandou a gente criar, para mim ali foi como se eu tivesse caído de um precipício, que não sabia como sairia dali, se desistia e ficava sentada ali vendo as outras criarem, se desistia de aquilo tudo e ia embora, ou se me arriscava e deixava o meu corpo me levar, embalado através da música, sem vergonha, sem me pressionar, só vivenciar aquele momento.

A música de estudo criativo foi a de Caetano Veloso, cantor e compositor da música "Você entende Nada":

> "Quando eu chego em casa nada me consola
> Você está sempre aflita
> Lágrimas nos olhos, de cortar cebola
> Você é tão bonita
> Você traz a Coca-Cola eu tomo
> Você bota a mesa, eu como, eu como
> Eu como, eu como, eu como
> Você
> Não está entendendo
> Quase nada do que eu digo
> Eu quero ir-me embora
> Eu quero é dar o fora" (CAETANO, 1988)

Através desta música comecei a senti-la e consequentemente comecei a criar movimentos involuntários que foi tomando forma, sendo conduzido pelas lembranças das minhas memórias afetivas e experiências vividas. Foi através desse resgate memorial que o meu corpo foi criando, dando forma aos movimentos, transcendendo o que estava sentindo ao escutar aquela música, uma sensação única.

Sendo conduzida por outra pessoa já havia passado por essa experiência, a mesma ia falando, trazendo situações e histórias vividas. No Aldeia Mangue tive esse primeiro contato, onde trabalhávamos muito com as nossas memórias afetivas, mas sendo conduzida, não somente pelas memórias, lembranças, que uma música conseguia fazer essa interligação, do subconsciente com as lembranças vividas no decorrer da nossa vida, como aconteceu no Vaca Profana.

No processo de criação, onde estavam todas em imersão eu abri os olhos e vi que os movimentos que estavam ali sendo realizados, já tinham se tornado um movimento único, criando uma célula coreográfica através do que estávamos sentindo, imaginando, através das nossas memórias sendo resgatas por uma música. Por esse ângulo, Farias (2022, p.27) afirma que "Dançar, dispor o corpo solto e entregue ao movimento, ao fluxo, mesmo dentro de um padrão em uma composição coreográfica, é ampliar-se para além do contorno que o delimita, em multiplicidades". Posto que "se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras" (DELEUZE, 1986/2010, p.25 APUD FARIAS, 2022, p.27).

Diante disso, uma parte dessa célula que criamos, foi inserida na cena da cozinha, todas sentadas ao chão executando o mesmo movimento, com respirações ofegantes da repetição exaustiva e mecanizada ao molejo despretensioso, bem ali no meio da técnica que se abre à invenção de um corpo que cansou de repetir.

Com tudo, ter um fragmento nosso das nossas criações dentro de uma cena do espetáculo, resultou em uma potência de pertencimento enquanto o grupo de modo que orgulhava todas as vezes que eram dançadas.

O Vaca Profana é isso, novamente eu digo, é um espetáculo criado em cima das nossas histórias, dos nossos ancestrais, das nossas mães, lutas, dores, opressão, violação, abusos de todas as formas e maneiras, violência dentro e fora de casa, como sempre fomos predestinadas, das músicas que nos infringe, das danças que são criadas para servimos de exposições para machos, das diversas roupas que não poderíamos usar por estar insinuando que queríamos ser comidas, violentadas, abusadas, estupradas e mortas na maioria das vezes.

Por isso o meu grande questionamento como estudante e interprete-criadora do espetáculo é, que como conseguimos trazer tudo isso, na verdade relembrar das diversas circunstancias, vividas pessoais das nossas vidas, para dentro de um laboratório criativo, transpassando para os movimentos e criando as células coreográficas que trazemos no espetáculo. Muito dos movimentos a professora Carol ela lançava propostas de movimentos, músicas, histórias, que se interligava com os nossos movimentos que fazia total conexão do que queríamos sentir, dançar e se libertar de uma certa forma.

Novamente eu trago a palavra libertação porquê foi através disso tudo que vivenciei dentro do Vaca Profana que me libertou de um aprisionamento que eu mesma tinha me colocado por culpa de ter submetido a ter vivido tantas situações na minha vida, e deixado viver, mesmo sabendo que aquilo tudo eu não precisava passar e nem merecia, lembrando que eu sabia que não era normal passar por aquilo, não era certo, mas não tinha o entendimento, coragem, força de deixar ir, de me libertar, e com o Vaca Profana eu puder buscar todos esses conhecimentos, entendimentos e se perceber no lugar de mulher, me colocar no meu devido lugar que mereço permanecer como Mulher.

As mulheres com certeza obtiveram muitas conquistas ao longo do tempo, reagiram, se rebelaram, transpuseram muros, guerreiras que são não tiveram descanso e nem querem descanso, depois de conquistar a igualdade para a humanidade outras necessidades surgirão. Mas o poder de falas foi nos concedidos, e através das pequenas conquistas diariamente, estamos mudando esse caminho, esse enredo da nossa história.

Diante de tudo que foi escrito, trazendo em vista meu relato de experiência durante os processos de criação do espetáculo Vaca Profana, tive o entendimento de como nós mulheres vivemos a cerca de anos lutando contra a sociedade machista para mantermos o nosso lugar de fala, respeitando todas as minhas dores, mas também como as de outras, sempre tendo um olhar de empatia, aceitando suas especificidades e sendo acolhedora com todas as mulheres que passarem na minha vida.

Também pude perceber a importância do projeto de extensão para a comunidade acadêmica, bem como, para a sociedade local de forma geral, em que, por vezes é beneficiada com projetos.

A exemplo, a importância do GDP, para o corpo discente do curso de dança, sobretudo das licenciaturas, uma vez que é através desses projetos que se tem uma maior vivência da prática de dança para além da sala de aula, dando a oportunidade dos discentes aprenderem e contribuírem para as trocas artísticas.

Poder participar do GDP Vaca Profana contribuiu de várias maneiras com a formação e amadurecimento profissional e pessoal da estudante Tainá, no qual no primeiro momento foi necessário descobrir o que era violência, identificar os momentos da minha vida que fui violentada, curar esses processos dentro de mim, e depois reproduzir todo esse processo no espetáculo de dança. E tudo isso foi possível graças aos laboratórios, fomentando a importância desses GDP para os estudantes, pois nessas células criativas que foram possíveis disparar gatilhos de traumas de vida, antes desconhecidos como violência.

De uma forma geral o espetáculo Vaca Profana foi além das expectativas previstas por mim e pelas alunas do curso de dança, a mensagem do espetáculo reverberou de formas profundas em vários contextos, permitindo primeiramente o amadurecimento pessoal como mulher "dona de si" e artístico, e no público que acompanhou as apresentações do espetáculo permitindo a identificação de violências até então mascaradas e não trabalhadas, conduzindo-lhes num processo de cura e libertação das correntes do desconhecido que são promovidas pelo patriarcado. Além disso, levantasse a importância de incentivo e investimentos aos GDP como ferramenta de formação e colaboração para com a comunidade.

Concluo essas minhas reflexões acompanhadas de relatos, dizendo que serei eternamente grata por ter vivenciado essa melhor experiência de toda a minha vida dentro do GDP, experiências essas que até hoje carrego em todos os setores da minha vida, no meu jeito de olhar o mundo, de olhar outras mulheres e relacionar-se, também como educadora inserida na comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADA; SOUZA. **Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo**. Estudos de Psicologia, Scielo, 30(3), p. 355-365, maio, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000300005. Acesso em: 11 de mai. 2023.

BRITO, Thaís Silva de. **Dança e decolonialidade no palco da escola**: **Experiência Pedagógica no Ensino Fundamental II**. São Luis/ MA.Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Rede - Prof-artes em Rede Nacional/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2020.

BUARQUE, C; BOAL. A. **Mulheres de Atenas.** Produção: Sérgio Carvalho. Álbum: Meus Caros Amigos. Gravadora: Philips, 1976.

CALDERÓN, Adolfo; SANTOS, Sonia Regina; SARMENTO, Dirléia Fanfa. **Extensão universitária**: **uma questão em aberto**. São Paulo: Xamã, 2011.

DELEUZE, G. (1986). Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbart. Editora 34: São Paulo, 2010.

FARIAS, Ana Gabriela Machado de. Danças de si: **Sobre Ensaios, Vacas e Caracóis**. São Cristovão/SE.Dissertação (mestrado Psicologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2020.

LARROSA, J. **Tremores**. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2017.

KOHAN, W.; LARROSA, J. Apresentação da coleção. **O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Jacques Rancière. Tradução Lílian do Valle. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2007.

WEB GRAFIA

https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44792/, acessado em fevereiro de 2023.

https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=pt&id=239&noticia=417172351. Acessado em fevereiro de 2023.

https://www.dn.pt/edicao-do-dia/21-out-2022/grecia-mulheres-de-atenas--15273681.html, acessado em março de 2023.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Mulheres_de_Atenas, acessado em março de 2023.

https://www.stoodi.com.br/blog/historia/mulheres-de-atenas/, acessado em março de 2023.

http://www.tancredoprofessor.com.br/conteudo/103/mulheres-de-atenas. Acesso em março de 2023.

https://www.letras.mus.br/mc-kitinho/vai-mamando/, acessado em março de 2023.